

Prof. Doutor Enoch Feitosa¹

COLEGAS PROFESSORES E PROFESSORAS,
CAROS ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS,
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Assumi, com muita honra a tarefa que me foi incumbida pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, - do qual tenho orgulho de ser coordenador - de saudar, nesta solenidade acadêmica de conferência do título de *doutor honoris causa* da Universidade Federal da Paraíba, ao eminente Professor Doutor António José Avelãs Nunes, colaborador da nossa pós-graduação desde 2006 e docente homenageado no I Congresso Paraibano de Direito Econômico.

Aceitei a tarefa, ainda que sob receio de não estar à altura do ofício. Diversas razões fundaram esse temor: de um lado, a tradição, que aprendemos a assimilar da combativa cultura paraibana, de não se intimidar diante dos desafios, de outra parte, a responsabilidade de saudar o homenageado, cuja dimensão humana e comprometimento intelectual e social falam por si só.

Ademais, se soma aqui o encargo de representar a afeição que vários dos presentes dedicam ao mesmo – por todos, citamos a Professora Doutora Luiza Alencar Mayer – bem como o respeito que nós, da comunidade científica, nutrimos pela sua pessoa e por sua lúcida obra.

Aqui se reúnem hoje, em torno dessa justa homenagem ao Professor Avelãs Nunes, aqueles que não buscam o caminho fácil do alpinismo acadêmico, aqueles comprometidos com a luta humana por emancipação e que trabalham no presente para construir a poesia do futuro, enfim os que não se vêm, jamais, de fora da história e que, com justa razão, mantêm acesa a chama da esperança de que outro modo de vida é possível.

De Avelãs Nunes muito se pode dizer e o que for dito pouco será pelo tudo que ele representa como intelectual militante, como Mestre e Professor, como cidadão comprometido com os mais nobres ideais da humanidade e como brilhante acadêmico que aproximou ainda mais Brasil e Portugal, através de uma incansável atividade de estímulo à pesquisa e ao intercâmbio científico entre nossos países.

¹ Saudação do Doutor Enoch Feitosa Sobreira Filho, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPB, ao Professor Doutor António José Avelãs Nunes, proferida em sessão realizada no Auditório do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB, em 15.09.2011, na solenidade de recebimento do título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Federal da Paraíba.

Da Universidade Federal da Paraíba recebe, com inteira justiça, a maior das nossas condecorações: para nosso orgulho, lhe é conferido, nesta solenidade, o título de *Doutor Honoris Causa*.

Nosso homenageado foi Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, exerceu de 1996 a 2000 a Direção da Faculdade de Direito daquela histórica instituição e foi membro, entre os anos de 1974 e 1975, dos primeiros Governos de Portugal logo após a Revolução dos Cravos de 25 de abril, que pôs abaixo a sanguinária ditadura salazarista.

Naquele período intenso da vida portuguesa, respondeu pelos encargos de tutela do Ensino Superior e da Investigação Científica, em cargo de Vice-Ministro.

É Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, onde há vários dirige o referenciado *Boletim de Ciências Econômicas*.

O nosso homenageado obteve grau de Doutor com uma tese intitulada *Industrialização e Desenvolvimento – A Economia Política do Modelo Brasileiro de Desenvolvimento*, prefaciada, na edição da Quartier Latin (São Paulo), pelo grande economista e professor Celso Furtado, cuja contribuição à formulação de um modelo de desenvolvimento independente, nacional e popular, ainda hoje serve de referência aos que têm compromisso com o Brasil.

Em Portugal, foi eleito por aclamação e unanimidade, *Embaixador dos estudantes e professores brasileiros* na Universidade de Coimbra, e a ele todos daqui que estudaram em terras lusas, são eternos devedores.

No meio de tantos encargos, o Professor Avelãs Nunes, é preciso que se diga, contribuiu, e de forma decisiva, para o estímulo e a manutenção das Jornadas Cainã, unindo juristas brasileiros e portugueses em constantes colóquios de magna substância e oportunidade para as questões constitucionais centrais da contemporaneidade, integrando, também, o respeitável Instituto de Direito Comparado Luso-brasileiro.

Isto é, foi criador, animador e ativista de uma plêiade das melhores e mais nobres causas, tendo sempre e em nome de todas elas, combatido o bom combate.

No Brasil, não apenas recebeu inúmeras homenagens e distinções. Assumiu também encargos e responsabilidades, tendo agregado aos seus afazeres a condição de observador estrangeiro convidado (2001, 2004 e 2007), somando sua imensa experiência aos trabalhos de avaliação trienal dos Programas de Pós-Graduação em Direito, através da CAPES.

De sua vasta produção científica, alunos e professores já vêm haurindo reflexões, a principiar no campo do Direito Privado das sociedades, pela tese *O Direito de Exclusão de Sócios nas Sociedades Comerciais*, editada e reeditada em Coimbra pela Almedina, e publicada em São Paulo pela Cultural Paulista em 2001, alcançando as lições constantes da obra *Os Sistemas Econômicos*, que formou, também no Brasil, gerações de discípulos e admiradores.

Em 2003, a Editora Renovar publicou, desse professor e mestre nascido em Pinhel (no *Portugal profundo...*), a obra *Neoliberalismo e Direitos Humanos*, também editada em Portugal pela Editorial Caminho, o equivalente lusitano das nossas melhores e mais comprometidas editoras.

Os advogados brasileiros, a seu turno, têm sido municiados com as reflexões reveladoras de firmeza no pensamento e simultaneamente colossal humanidade, nas diversas conferências nacionais da Ordem dos Advogados do Brasil, para as quais tem sido constantemente convidado.

É para prestar homenagem a esse eminente e combativo professor, que esta Faculdade de Direito, este Centro de Ciências Jurídicas e esta Universidade, pelo seu Programa de Pós-Graduação, abre hoje suas portas para a outorga deste justo e merecido título.

Da ampla contribuição intelectual do homenageado ao direito, vale citar, no Brasil, três obras de maior relevo, quais sejam: *Uma introdução à Economia Política*, pela editora Quartier Latin; *A Constituição Européia – a constitucionalização do neoliberalismo*, na edição conjunta da Revista dos Tribunais e da Coimbra editora, e *Do capitalismo e do socialismo*, pela edição da Fundação Boiteux, da UFSC.

A primeira obra explora, com perceptibilidade ímpar, o parentesco que há entre a política, o patrimônio e a administração da ordem pública, espelhando o princípio da economia política que recebe uma magna introdução do homenageado.

Nela desenvolve suas idéias sob dois grandes marcos: de um lado, os sistemas econômicos à luz da gênese e da evolução do capitalismo; de outra parte, avança sobre a História da Ciência Econômica e do Pensamento Econômico, apontando para as necessárias transformações que apontem para uma ordem social inclusiva, inteiramente oposta ao quadro dantesco que hoje se nos apresenta.

No primeiro bloco, examina o comunismo primitivo, as relações sociais pautadas pelo escravismo, o feudalismo e a transição para o capitalismo, e neste, a travessia do capitalismo de concorrência para o capitalismo monopolista de Estado, o Estado de bem estar social e as formas de transição que superem o atual modo de produção centrado no capital e na alienação, em direção a formas nas quais o ser humano seja erigido a sujeito e não mais objeto das potências da miséria e do egoísmo.

Num segundo bloco, analisa as grandes linhas do pensamento mercantilista, os fisiocratas, bem como clássicos como Adam Smith, Thomas Malthus e David Ricardo, para culminar na exposição da concepção materialista da história, a teoria do valor e a mais-valia em Marx.

Em sua obra *A Constituição Européia – a constitucionalização do neoliberalismo*, traduz criticamente o que representa, na União Européia, a *constitucionalização* dirigente do neoliberalismo. Os dias recentes de crise e quebradeira de países mostram – hoje – que o nosso ilustre homenageado estava certo, no essencial, no diagnóstico que lá fizera.

A essa opção ideológica da União Européia não só dedicou agudíssima crítica como também apontou propostas para uma Europa solidária, com emprego para todos, taxa de pobreza inferior a 5%, igualdade de oportunidades e ajuda pública aos povos do Sul superior a 1% do PIB.

Sustentou com acerto que “seria possível construir na Europa uma sociedade de bem-estar, uma sociedade de felicidade pessoal e de coesão social”, mas para tanto “os trabalhadores europeus não têm que ser condenados, em nome de uma falsa competitividade, à precariedade, à pobreza e à exclusão social”.

A tríade autoral desse gigantesco empreendimento intelectual se completa pela contribuição que se tornou marco histórico no debate da economia política. Trata-se da obra, *Do capitalismo e do socialismo*, a qual expõe a polémica com Jan Tinbergen, Prêmio Nobel da Economia. Um atualíssimo clássico, que tomou como ponto de partida os comentários feitos pelo ora homenageado, nos anos 70 do século próximo passado, à entrevista concedida em 1969 pelo citado professor Jan Tinbergen.

O professor Avelãs alertava, então, que “a justiça não se conquista à custa de bons sentimentos”, pois “os sistemas contam mais do que o coração dos homens”. Trata-se de um drama que continua sendo o *escândalo do nosso tempo*: o subdesenvolvimento que é alimentado pela política predatória dos monopólios privados e pelo capital especulativo.

Ali critica o *velho mito do mal-chamado socialismo de consumo*, retomando as indicações do que é fundamental *para se acabar a exploração do homem pelo homem*.

Eis aí a preocupação nuclear de nosso ilustre homenageado: *a vida dos homens, sua organização, a satisfação das necessidades materiais e os sistemas das forças produtivas*.

Numa época devastada pela maior crise econômica que a humanidade viveu, desde a bancarrota de 1929, gerada pelas mesmas forças que alimentam a crise atual, esse conjunto de idéias do homenageado avulta em importância.

São temas conexos à produção, ao mercado, aos preços, ao crédito, à moeda, e alcançam o campo da industrialização e do desenvolvimento, pelo enfrentamento da controvérsia entre monetarismo e estruturalismo na América Latina e seus reflexos na soberania e nos bancos centrais nacionais.

É de sua raiz ser fiel às idéias e ao seu tempo, como o fez quando proferiu o discurso por ocasião do *Doutoramento Honoris Causa* de Tancredo Neves, então recém presidente eleito do Brasil que apostava numa *República Nova*, democrática, legítima e livre, *ao fim da noite do fascismo que durou 21 anos, no Brasil*.

É, em suma, o que pode dizer, neste momento, em curtíssima síntese, que não faz justiça a grandeza e ao perfil do homenageado.

Para concluir, num momento em que uma colossal crise financeira e de ganância devasta o mundo, não citaremos o pensador que, no século XIX, forneceu o diagnóstico mais completo sobre a tragédia anunciada do domínio do capital, qual seja, Marx, o qual, por isso mesmo, segue sendo cada vez mais atual e necessário.

Preferimos citar um fato histórico, sobre o qual chamou atenção um atento intérprete de nosso tempo e combatente pela soberania nacional²:

Em 1928, ano precedente da grande depressão que pôs à nocaute a economia americana, o dramaturgo alemão Brecht escreveu a peça *A ópera dos três vinténs*, uma adaptação da *Ópera dos mendigos*, do inglês John Gay, escrita duzentos e quatro anos antes.

Na terceira cena do 3º ato da adaptação feita por Brecht³, um dos integrantes da quadrilha de Mac, *the knife*, (ou simplesmente Mac Navalha, na tradução brasileira da obra) e que havia revelado talento de investir o produto de anos de roubo na aquisição de um banco, mostra aos seus parceiros a vantagem do novo negócio, perguntando: “o que é roubar um banco, comparado a fundá-lo?”.

Oito anos depois, em 1936, num discurso no Madison Square, quando disputava a primeira de três reeleições sucessivas, Franklin Roosevelt, que travava então uma luta de vida ou morte contra os monopólios financeiros que mergulharam os EUA na crise, afirmava: “agora sabemos que o governo do dinheiro organizado é tão ou mais perigoso quanto o governo do crime organizado. Por que as tenho denunciado, essas forças são unânimes em seu ódio contra mim. Eu saúdo esse ódio”.⁴

Ao contrário de Brecht, Roosevelt não era marxista, mas não era cego e percebeu, por isso, a natureza degenerada do sistema financeiro e dos monopólios capitalistas⁵, cujo ideal ético foi sintetizado de forma brutal e precisa por um de seus precursores, o barão de Rothschild, que dizia como seu lema predileto: “quando houver sangue nas ruas, não hesite, invista em propriedades”.

A lucidez de entender o seu tempo, é uma característica das grandes pessoas. O professor Avelãs, nosso homenageado, sempre foi marcado por essa qualidade.

Nesta época presente, devastada por uma crise imensa, mas que ao mesmo tempo aponta saídas, novas forças e novas tarefas, pessoas da estirpe do Professor Antonio Avelãs Nunes continuam sendo, de novo citando Brecht, imprescindíveis, na medida em que pelejam sempre, não fogem da luta e seguem, na academia e na vida, travando, sustentando posições claras que, afinal, é o que caracteriza os seres humanos ímpares, como o homenageado o é.

² Refiro-me a: TORRES, Sérgio Rubens. In: www.horadopovo.com.br (edição nº 2987, 26.08.2011, p.3), de quem – através da leitura ora citada – tivemos acesso aos dados mencionados, e de quem reproduzimos trechos, ao longo da parte conclusiva deste panegírico.

³ BRECHT, Bertolt. *A ópera dos três vinténs*. In: *Teatro completo* (3º volume). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p. 65.

⁴ Acerca desse discurso Dworkin defendeu, recentemente, que Obama deveria ter a mesma atitude de Roosevelt e enfrentar os cartéis, banqueiros e monopólios, responsáveis pela crise americana.

⁵ TORRES, Sérgio Rubens. *Idem, ibidem*.

Era o que tinha a dizer, numa síntese que não faz jus, de todo, as qualidades do nosso ilustre homenageado.